

MIRAR: QUANDO OS OLHOS SE LEVANTAM

de Jé Oliveira

Dramaturgia e textos ainda em processo.

Estágio provisório.

CENA 1

Espaço nu.

Narradores desenham com fita crepe uma cruz andina no chão enquanto ouve-se um áudio:

Chamamos de caminho aquele pedaço de chão que está à nossa frente. A porção passada é a caminhada. A passada é o passado querendo que a gente fique onde está. A coisa passa, calma. Por ora é hora de seguir adiante. Seguir. Escolha um novo caminho ou apenas fique onde está. No fundo, todos os lugares são o mesmo lugar. Onde começa e onde termina o lugar onde você está? Uma parede ou muro ou porta ou portão ou grade ou cerca não separa nada, apesar de distanciar. Separar e distanciar são verbos diferentes. O espaço é inseparável. Não me venha com capitâneas ou fronteiras, o espaço é onde você está. Onde eu estou. Às vezes precisamos nos deslocar no tempo-espaço. Ir ao encontro de lugares, pessoas, cheiros, sabores, dores. Encontraremos pessoas pelo caminho, elas são paisagens móveis dos lugares por onde passaremos, ficaremos um tempo sentindo como é sorrir para um reflexo de sal no coração do continente ao sul. Por vezes basta uma volta em torno do seu próprio eixo para contemplar feliz a imensidão das possibilidades de caminhos que nossos pés podem oferecer. Ao simples fechar dos olhos podemos estar flinando sobre as cores das peles das nossas gentes, dos tecidos que nos cobrem, e cumprem em nós a coloração da alma das fronteiras do continente sul americano, legando pro mundo todo arco-íris móvel em forma de pessoas. Onde você está agora? Como quer viajar? Piscando os olhos, girando ou indo? Eu estou na Bolívia, ela talvez esteja no Chile, ela ali na Colômbia e todos nós estamos em Cuba. Talvez um pouco mais perto ou um pouco mais longe, mas todos nós estamos em algum lugar destas fronteiras do sul do mapa.

Talvez um pouco mais perto ou um pouco mais longe, mas todos nós estamos em Aby Ayala. Estamos conectados pelo tempo e pelo espaço de um solo que nasceu sem dono, apesar dos donos da terra.

Nosso continente é como essa rua que temos aos nossos pés e olhos. Uma terra cheia de donos de nada, donos de ninguém. O barbeiro que pinta de verde a parede do seu comércio está enfeitando o nosso continente, não o seu negócio. A manequim de loja olha para o Atlântico, não para o consumidor na rua. A vendedora da lanchonete acena para os Andes, não para o cliente.

Narradores colocam os elementos dispostos nos espaços entre as quatro pontas da cruz (panos andinos, folhas de coca, corda, cadeira, marmitas, bandeira Whipala, livros, blocos de anotação canetas, Fita crepe e cartolinas).

Em seguida, é feita uma movimentação em coro, busca-se a ideia de alguém que subiu até muito alto para um encontro consigo e com a grandiosidade de parte do continente. Mascam folhas de coca e dizem com fundo musical original de flauta transversal:

CENA 2

NARRADORA 2

“Cuidado que aqui eles roubam muitos europeus”. Me disse uma vez uma cholita, de quem eu comprava este regalo para minha niña carregar consigo, como símbolo dos caminhos que consigo preservar para ela, que não pode nascer no Brasil, como eu.

Eu disse para aquela senhora, que olhava com olhos de cuidado, olhos puxados pra ternura, colorida a saia, chapéu na cabeça, largos quadris, cabelos pretos e lisos como café (vai sendo paramentada com algumas peças características das cholitas. Panos, saia, chapéu. Vemos apenas a silhueta desse corpo. Luz de contra). **Eu disse a ela que eu estava com os olhos fixados na contramão do fluxo, com as pernas fincadas no contrapelo da minha nação e era ditadura, era exílio, era muita dor. Mas em mim, ainda assim, ou justamente por isso, brotava em mim, esperanças. Era ditadura, era bota, mas brotava em mim, esperanças.** (se relaciona com o ventre, lembrando uma gravidez que já pariu).

Eu tinha esperança porque a vida brotava em mim, eu fugia das botas do Brasil e a vida brotava em mim. Eu vim para cá com uma menina na minha barriga para subir com ela até o ponto mais alto da Cordilheira dos Andes, até o ponto mais alto que eu conseguisse. Mesmo que eu perdesse o fôlego, mesmo que eu quisesse parar, mesmo que o ar rarefeitiace, eu queria que ela sentisse do que é capaz o esforço dos nossos suores. Eu me convertia em bica, eu derretia, minha pele ardia, minhas vistas se inebriavam a cada passo, a cada metro de elevação mais suor, mais brotavam bicas da minha testa e desciam pelos Andes da minha barriga, correndo feito rio, molhando cada curva da minha paisagem, e eu queria que brotasse nela (se referindo à filha no útero), **eu queria que ela sentisse o verdadeiro valor de um abrigo. Porque eu não tinha mais lugar, por isso o alto, a busca deste salto, deste esforço, desta altura a ser alcançada. Meu país está ao rés do chão, minha filha. Está sob botas que não fazem brotar vida. Filha, sintá, eu broto em bicas, sintá, você talvez não conheça o lugar de onde eu vim, talvez nunca tenha notícias da diversidade da nossa gente, porque lá, hoje, não cabem pessoas que fazem brotar, mesmo sob as botas, vidas com imensidão de Andes.**

CENA 3

NARRADOR com um par de coturno nas mãos. Ele pousa o coturno no centro do palco.

Enquanto narram, NARRADORA 1 e 2 vão se preparando, como boxeadoras, para uma luta.

Musicista toca introdução de "Ouro de tolo", por algum tempo fica tocando.

NARRADORA 1

O coronel Leonides Monleón (faz menção ao coturno) era um homem severo, disciplinado, cumpridor de todas as leis escritas e faladas, das tradições do seu país.

O Coronel não podia ser interrompido nunca. Não é que falasse muito, isso não. Era pouco loquaz.

NARRADORA 2

Bonita esta palavra: loquaz.

NARRADORA 1

Sim, não era de falar muito. Mas pensava longamente antes de dizer qualquer coisa.

NARRADORA 2

Uma guerra é inevitável...

NARRADORA 1

E muito tempo mais tarde, entre uma colher e outra de pudim com doce de leite, concluía:

NARRADORA 2

A cada trinta e cinco anos. Os judeus não comem carne aos sábados!

NARRADORA 1

Pensou energeticamente. Eu gosto dessa imagem, de alguém que pensa energeticamente. É como se o pensamento tomasse forma de furacão na cabeça da pessoa antes de virar verbo. Gosto desta imagem...

NARRADORA 2

Quando Leonides foi promovido a Capitão voltou muito feliz para a casa e anunciou aos filhos: "Hoje vocês vão ganhar um presente muito especial: vou com vocês ao Zoológico".

NARRADORA 1

Esses eram os presentes especiais do Coronel. Sempre presenteava com a sua própria presença em algum lugar ou acontecimento que não dependia em nada da sua presença.

E foram ao zoológico. Caminhavam e sorriam embevecidos vendo os bichos enjaulados, tudo para eles naquele momento era beatitude.

NARRADORA 2

Palavras bonitas estas: embevecidos, é quase a tradução do encanto. E beatitude é quase a materialização da felicidade.

NARRADORA 1

O próprio coronel chegou a sorrir. Estavam todos tão contentes que a visita merecia terminar no auge da alegria e

não quase numa tragédia, como terminou.

Depois do leão, a jaula que mais atraía a atenção de todos era a dos macacos. Suponho que a plateia saiba algo sobre os macacos. Saiba pelo menos que são proverbialmente imorais.

NARRADORA 2

Os espectadores, irresponsavelmente, começaram a jogar pedrinhas no maior deles, o macacão.

NARRADORA 1

Com soberano desprezo, o macaco sentou-se diante da plateia, assim como se fosse na esquerda baixo do palco, isso o Boal falava no livro que a gente pesquisou pra peça, é bonito isso também, esquerda baixa do palco, é como se ele falasse com a gente diretamente, como se estivesse ali sentado do nosso lado, é bonito isso. O macaco começou, lenta e cinicamente, a se masturbar.

Continua tocando, sem letra, e vai dinamizando um crescente em diálogo com as atrizes, narrador 1 entra com um saco de pancadas, ele se posiciona em cima do coturno anteriormente deixado no centro. Narradoras batem no saco de pancada, já paramentadas com luvas de boxe, enquanto prosseguem:

NARRADORA 1 *em dinâmica ascendente, junto com a musicista:*

O macaco se masturbava e o coronel olhava. O agora Capitão precisava fazer alguma coisa, ele não podia deixar aquilo acontecer livremente. Imagina só um macaco, com o pau ereto se masturbando na frente do coronel. Ele tinha que fazer alguma coisa, ele pensava energeticamente. Um animal, imagina só! Um macaco! Ele sabia o que estava fazendo, o macaco se masturbava e o coronel olhava. O coronel pensava energeticamente e o macaco agia energeticamente. Eu gosto dessa imagem. Ser animal não é atenuante, não é atenuante, precisa morrer, ele precisa acabar, ele tinha que fazer alguma coisa, a família queria que ele fizesse alguma coisa ... O agora capitão precisava fazer algo, ele tem arma, ele tem uniforme, ele tem dedos, ele tem o zelo pela moralidade, a legitimidade da força, ele precisava fazer algo, ser animal não é atenuante, não é, não é, precisa morrer, ser animal não é atenuante.

A dinâmica diminui aos poucos.

Silêncio.

NARRADORA 2 *lentamente, na tensão da cena*

Foi quando ele pegou a arma, engatilhou e...

NARRADOR *pega o coturno e aponta para as mulheres.*

Blackout.

CENA 4

Ouve-se trecho em espanhol da canção: “Abelha Rainha” do Caetano Veloso.

Cada artista da cena escolhe alguém na plateia, se relaciona pelo olhar com a pessoa escolhida e escreve um bilhete que diz: “Es brasileira mi terremoto”. Após, os artistas entregam o bilhete para cada pessoa escolhida enquanto dançam no espaço.

CENA 5

No fundo do palco projetado, ou em alguma outra superfície:

Guayaquil, Equador.

NARRADOR

Minha vida é uma merda.

Queria dividir isso com vocês.

Foi o que ouvi dele.

“Minha vida é uma merda e eu vou para os Estados Unidos!!!”. Foi o que ouvi, assim de rabo de orelha, de um conhecido que carregava malas nos ombros no porto. Dizia que estava cansado de ser tratado como escombros. Ele falava com um amigo e eu fiquei ali, invisível, pensando na merda que nos unia. O nome dele era Bonifácio.

NARRADORA 1

Para Bonifácio os Estados Unidos eram como um grande filme de Walt Disney, cheio de todas as cores, com animais falantes e felizes.

Polícia, lá, eles chamam de...

NARRADORA 2

Porcos!

NARRADORA 1

Os capatazes são...

NARRADORA 2

Coiotos!

NARRADORA 1

Os ricos...

NARRADORA 2

Tubarões!

NARRADORA 1

Por lá existem muitos animais falantes.

Bonifácio sabia que não era assim tão fácil entrar no paraíso?

NARRADOR

Acho que não.

NARRADORA 1

O consulado dos EUA é muito exigente, aqui no nosso continente, hermano, existe um número cada vez maior de gente querendo partir, por isso exigem todos os certificados possíveis e imagináveis.

NARRADORA 2

Certificados de bons antecedentes.

NARRADOR

Ele tinha.

NARRADORA 2

Atestado de bons antecedentes criminais.

NARRADOR

Ele tinha.

NARRADORA 2

Cartão de crédito.

NARRADOR

Ele tinha.

NARRADORA 2

Provas de não pertencer a nenhum partido político que proponha a transformação brusca da sociedade e do nosso “modo de vida ocidental e cristão”, disseram para Bonifácio.

NARRADOR

Ele parecia não se importar com isso. Brusca era a vida que tinha: sono interrompido por estampidos de despertadores, cama que nem esquentava, incerteza de ter o que comer, onde morar. Pernas que não se cansam, tudo é correr, é para ontem, é limite. Terceiro mundo. Aqui tudo é brusco, bruto, ele dizia: “quero ir pros EUA, lá tem o que eu busco. Menos mala nos ombros, menos escombros”.

NARRADORA 1

Contudo o mais difícil, para BONI – FÁCIO, parecia ser os exames.

NARRADOR

Que exames? Já me esqueci as matemáticas.

NARRADORA 1

São exames de saúde. O candidato tem que estar fisicamente perfeito. Se encontram o menor micróbio, não embarca.

NARRADOR

**Bonifácio olhou os papéis que lhe deram e leu as exigências.
“Radiografia do pulmão, análise de sangue, de urina e de matéria fecal.
Senhorita? O que é matéria fecal...? Porque eu acho que isso eu não tenho”.**

Silêncio.

Todas as pessoas olham para o público como que comentando o absurdo da nossa miséria...

NARRADORA 2

Shit.

NARRADOR

Shit?

NARRADORA 2

Shit, my friend, shit.

Narradoras explicam gesticulando também. Tempo orgânico da brincadeira com o ânus, etc... Como já fizemos.

NARRADORA 2

Mierda. Cocô.

NARRADOR

Bonifácio entendeu que a única coisa que tinha de seu na vida, sua merda, seu cocô, podia ser a salvação da sua vida.

Movimentação de preparo para a primeira cagada... Expectativa da narradora e funcionária.

NARRADOR fica parado por alguns segundos olhando para o público. Verdadeiramente olha por alguns segundos para algumas pessoas. Na sensibilidade de quem atua, passa de uma pessoa para outra. Olha como quem pensa seriamente sobre algo. Pode acender um cigarro e contemplar a fumaça enquanto realiza esta ação.

Enquanto olha, pensa em como a vida tem sido difícil. Pensa como quem pensa ao defecar a sós na privada. Na solidão com e da privada:

O nome dele era Bonifácio, era fácil lembrar: BONI – FÁCIO (ri discretamente consigo mesmo). Eu lembro bem dele. Tinha algo dele que era meu. A mesma fronteira, a mesma coceira, pé molhado, bota bico de aço, friera, chuva e sol, despertador, cama que não te recebe, te cospe cedinho, não te engole. A vontade de partir, procurar melhora, um descontentamento firme atrás de um sorriso frouxo.

Eu estou aqui olhando para vocês e imaginando como será que está a vida de cada um.

Estando passando pelo que estamos passando.

Tendo passado pelo que passamos...

Fico aqui pensando que hora foram dormir. O que gostam de comer. O que comem. O que cagam. Que hora se levantam, que hora se cagam de medo?

Pensava essas coisas também olhando para o Bonifácio. Ele acordava bem cedo, dormia cedo também.

Andava muito durante o dia caçando o que fazer para ter o que cagar no amanhã. Como a gente, não?! Da mesma fronteira, dos mesmos limites, dos mesmos olhos fixados no Atlântico.

Quando vai ver, a sina da vida acaba mesmo sendo isso: muito esforço, um pouco de prazer e um bocado de merda para se fazer.

A vida da maioria de nós, esteja nas fronteiras que estiver, quase sempre é assim: é como poupar, comer hoje para ter amanhã.

O que o Bonifácio tinha de seu era companhia curta, passageira.

Era bom que fosse assim.

Ele dizia:

“Mais ou menos 150g todos os dias flutua, afunda, mistura cores.

Quando é lisa é sem dores, odores.

Sem esforço”.

NARRADORA 2

Dobrou joelho, puf, bastou... (coro de cagões. Criar multiplicação da postura de quem está cagando. Todas as pessoas acendem um cigarro).

NARRADORA 1

E ele continuava: São meus minutos de paz.

Gosto de acender um cigarro, pensar no trago, no que trago do dia anterior. Imagino futuro na fumaça cinza neblinando manhãs.

Filosofias matinais de banheiros.

Dizem que o nascimento e a morte são algumas das principais coisas que fazemos sozinhos na vida.

NARRADOR

Eu acrescentaria cagar também.

Fazer cocô, expelir merda.

NARRADORA 1

É muito raro cagar acompanhado.

É da instância do íntimo.

É segredo o que sai de nós: os odores, as lágrimas, as dores.

Ainda bem que águas de vasos sanitários ficam lá quietinhas e você manda embora quando quer. Pena não serem assim também as tristezas. Bastaria um dedo, agilidade, destreza e pronto, ia embora.

Ainda bem que águas, merdas e fumaças de cigarros matinais não ouvem.

NARRADORA 1

Mando embora todos os dias ao menos 150g.

Bem marronzinha.

Fico mais leve a cada manhã, a cada trago.

De peso, já basta o que trago, meus estragos, meus ossos.

A carne.

NARRADORA 2

As veias.

NARRADORA 1

A carne.

NARRADORA 2

As veias.

NARRADOR

Essas “véias” de guerra aqui (mostra as veias dos braços).

Saltadas.

Assaltadas do seu próprio sangue.

Latrocínio seguido de morte.

Essas “véias” de guerra aqui (mostra as veias dos braços).

Saltadas.

Assaltadas do seu próprio sangue”

NARRADORA 1

Ele dizia.

NARRADORA 2

Ele sentia.

NARRADOR

Ele sabia...

Ao fim desta fala, consegue cagar.

NARRADORA 2

Mr Bonifácio Perez: your shit is beautiful! Really beautiful. It's a wonder! I never saw a shit like yours!...

NARRADORA 1

O senhor não fala inglês?

NARRADOR

Não muito.

NARRADORA 2

Não importa: um homem com um cocô como o seu não precisa saber nenhum idioma. A sua matéria fecal, senhor Perez, é a mais perfeita que eu admirei nos meus 25 anos de profissão. É uma maravilha. Não contém nenhuma impureza: nem amebas, nem vírus, nem micróbios, nada. É pura merda! Welcome to the EUA. Bem-vindo aos Estados Unidos.

Música Let it Go.

NARRADOR

Mr Bonifácio Perez, sinta-se orgulhoso. Bonifácio conhecia suas fronteiras, sabia o caminho do cheiro do suor do seu povo, da gente dele. Era uma fila imensa de gente querendo subir, no mapa, na vida. Gente como ele que, para descarregar as malas dos outros dos ombros, deixar de ser escombros, faria qualquer coisa. Diante da efusiva aceitação da sua merda, Bonifácio não demorou para ter a brilhante ideia: não vou mais. Fico. Disse. Minha merda interessa mais aqui que lá, olha o tanto de gente que nem tem o que cagar. Bonifácio, vendo a imensa fila na porta da embaixada, disse: "Eu vendo".

NARRADORA 1

Anúncio na fila de candidatos a emigrantes:

NARRADORA 2

O cocô da televisão!

NARRADORA 1

Tabela de preços.

NARRADORA 2

Cliente crédulo.

NARRADORA 1

Marmita fechada e já cheia.

NARRADOR

\$ 300.

NARRADORA 2

Ver produção, empacotamento.

NARRADOR

\$ 900.

NARRADORA 1

Combo família.

NARRADOR

\$1000.

Narrador, enquanto produz merda e marmitas vão sendo empilhadas:

Ele era uma empresa autossuficiente, uma fábrica de si. Ele comia e produzia, produzia e comia...

Para se cagar bem, meus amigos, é necessária uma certa dose de tranquilidade pros músculos relaxarem, um bom bolo fecal necessita de tempo para tomar forma, para assumir a modelagem desse estômago oleiro. Os pés pousam com elegância no chão, os joelhos ficam mais ou menos a dois palmos um do outro, entre as canelas e as coxas existe um ângulo de quase 90°. Os braços ficam soltos ou apoiados na mesinha que o joelho cria... É bom evitar pimenta, para não ter muita ardência no olho de filho único... O cu é o grande astro, ele que modela o formato, ele é a mão da olaria intestinal, é também o gume do corte do troço, é funcionário obediente, forte, resistente, e além de tudo bonito, convenhamos... aquelas linhas que parecem convergir pro infinito, abre e fecha com precisão de relógio, é muita competência para um funcionário só, o cu sozinho faz inveja a muita linha de produção fordista. Por último há de se prestar atenção na sinfonia da merda mergulhando no pote, a melodia do ciclo finalizado, do produto quentinho e pronto pro consumo... Pronto, QUE MERDA!!!!

Projetado na pilha de marmita: Consulado descobre, depois de aprovar 37 candidatos em um só dia.

TODOS

Trata-se da mesma MERDA.

Após, narradoras começam a tirar os elementos da cena: cadeira, objetos todos, etc.

NARRADORA 1

Bonifácio faliu.

NARRADORA 2

Os gringos descobriram tudo.

NARRADORA 1

Bonifácio voltou aos antigos hábitos:

NARRADORA 2

Acorda cedo, vai ao porto comprar jornal.

NARRADOR

Carregar malas nos ombros, voltou a ser escombros... Na última vez que o vi, Bonifácio estava sensivelmente mais magro. Ahhhh e até hoje, nunca saiu de Guayaquil.

O QUE PULSA A AMÉRICA LATINA?

Cena 6

Atrizes entram em cena arrastando uma cadeira e trazendo um bule com açúcar e uma bacia de alumínio. Uma das atrizes senta na cadeira enquanto a outra “escalda” com o açúcar do bule os pés da atriz que está sentada. Essa ação começa a se intensificar e vai revelando a face exploratória de elementos da colonização, simbolizada pela extração canaveira nos engenhos, resultando no açúcar. A atriz vai intensificando a relação com o açúcar do bule e vai como que se afogando no açúcar que sai do bule. Em paralelo, o ator vai dinamizando, em diálogo com a musicista que toca uma melodia, trechos das constituições boliviana e brasileira, sobretudo trechos que versam acerca da presença da Pacha Mamma, na constituição da Bolívia, e de proteção da democracia, no caso do Brasil. Esta ação segue até o seu ápice.

Por fim, musicista no ápice, cessa a canção, ator em seguida também cessa de falar trechos das constituições e atrizes saem levando objetos da cena.

NARRADOR

En tiempos inmemoriales se erigieron montañas, se desplazaron ríos, se formaron lagos. Nuestra amazonia, nuestro chaco, nuestro altiplano y nuestros llanos y valles se cubrieron de verdes y flores. Poblamos esta sagrada Madre Tierra con rostros diferentes, y comprendimos desde entonces la pluralidad vigente de todas las cosas y nuestra diversidad como seres y culturas.

Constitui crime inafiançável e imprescritível a ação de grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático.

Así conformamos nuestros pueblos, y jamás comprendimos el racismo hasta que lo sufrimos desde los funestos tiempos de la colonia. El pueblo boliviano, de composición plural, desde la profundidad de la historia, inspirado en las luchas del pasado, en la sublevación indígena anticolonial, en la independencia, en las luchas populares de liberación, en las marchas indígenas, sociales y sindicales, en las guerras del agua y de octubre, en las luchas por la tierra y territorio, y con la memoria de nuestros mártires, construimos un nuevo Estado.

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I. construir uma sociedade livre, justa e solidária;**
- II. garantir o desenvolvimento nacional;**
- III. erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;**
- IV. promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.**

Un Estado basado en el respeto e igualdad entre todos, con principios de soberanía, dignidad, complementariedad, solidaridad, armonía y equidad en la distribución y redistribución del producto social, donde predomine la búsqueda del vivir bien; con respeto a la pluralidad económica, social, jurídica, política y cultural de los habitantes de esta tierra; en convivencia colectiva con acceso al agua, trabajo, educación, salud y vivienda para todos.

Dejamos en el pasado el Estado colonial, republicano y neoliberal. Asumimos el reto histórico de construir colectivamente el Estado Unitario Social de Derecho Plurinacional Comunitario, que integra y articula los propósitos de avanzar hacia una Bolivia democrática, productiva, portadora e inspiradora de la paz, comprometida con el desarrollo integral y con la libre determinación de los pueblos.

Nosotros, mujeres y hombres, a través de la Asamblea Constituyente y con el poder originario del pueblo, manifestamos nuestro compromiso con la unidad e integridad del país.

Cumpliendo el mandato de nuestros pueblos, con la fortaleza de nuestra Pachamama y gracias a Dios, refundamos Bolivia. Honor y gloria a los mártires de la gesta constituyente y liberadora, que han hecho posible esta nueva

historia.

**Trechos da Constitución Política del Estado (Bolivia-2009) e da Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil-1988).*

Quê pulsa a América Latina? o que pulsa a América Latina? o que pulsa a América Latina?

Cena 7

PROJEÇÃO

“Qualquer lugar do Brasil ou da América Latina”.

Artistas começam a encher alguns balões vermelhos.

Assopram com vontade, enquanto enchem, falam. Musicista toca algo ruidoso, quase em harmonia. Nesta atmosfera, falam:

NARRADORA 1

O nosso país não consegue dormir.

Não é de hoje não.

Nossos limites de língua, de sangue, de sotaque, os limites onde moram nossos atabaques, não conseguem dormir.

Nossas levezas rarefeitas, nossa terra boa, nosso povo banguela, nossas defesas não conseguem dormir.

Aqui existe um gigante insone, um corpo insano, uma procura de sonho, de algo em nós que ainda sonhe.

Nas areias das nossas praias pegadas em mil direções, sem rumo, sem donas, sem dunas que nos elevem.

NARRADOR

Nas estradas dos nossos passos, passado, nos trilhos dos nossos encadeamentos, curvas incertas, peso morto, nas nossas matas muito se mata, muita picada, madeira pesada, levada.

Dentro das nossas bocas muito osso, pouco dente, gengiva aparente, céu que despenca sem cama de língua, gosto amargo, doce raro.

Carne de terceira pro 3º mundo, trambique, alambique, trupico e piso dançante, cambaleante bem em cima da linha do Equador, do Trópico de Capricórnio.

Trôpego aceno pros Andes, gigante que não pousou aqui, não nos levou para viver junto das nuvens.

NARRADORA 2

Nosso país não consegue dormir.

É tanto coturno, é tanto cano curto, bíblia, vida perdida esvaída pela bala, é tanto alvo preto, é tanto desassossego, é tanta veia que sangra.

Somos milhões de adultas e crianças no centro de uma tormenta, de uma guerra sangrenta.

Nosso país não dorme porque quando o silêncio é estupidez o estampido é seco e oco no coração dos nossos futuros...

Em seguida, juntam todos os balões no centro do palco, fazendo coro com a musicista que canta:

Dorme negrito.

Dorme negrito.

Dorme.

Duerme, duerme, negrito

Que tu mama está en el campo negrito

Duerme, duerme, mobila

Que tu mama está en el campo, mobila

Te va a traer codornices

Para ti

Te va a traer rica fruta

Para ti

Te va a traer carne de cerdo

Para ti

**Te va a traer muchas cosas
Para ti**

**Y si el negro no se duerme
Viene el diablo blanco
Y Zas! Le come la patita
Chacapumba, chacapumba, apumba, chacapumba
Duerme, duerme, negrito
Que tu mama está en el campo, negrito
Trabajando
Trabajando duramente, trabajando sí
Trabajando e va de luto, trabajando sí
Trabajando e no le pagan, trabajando sí
Trabajando e va tosiendo, trabajando sí**

**Para el negrito chiquitito
Para el negrito si
Trabajando sí, trabajando sí
Duerme, duerme, negrito
Que tu mama está en el campo
Negrito, negrito, negrito.**

No centro do palco começam a recolher em suas roupas alguns balões enquanto falam em coro:

**TODOS
Estamos em queda livre: sonambulando em um pesadelo descuidado.
Enquanto uma larga parte preta de quem nos pare como nação precisa largar seus N-I-N-O-S para ambular pelas ruas com os ca-N-I-N-O-S de cortes reais, segurando sua raiva em uma coleira, sua cólera esmagada em mão de punho cerrado e tendo apenas seus olhos como guias de caminhos futuros, uma estreita parte branca enfeita e afia suas unhas, enquanto interdita e asfixia com seus próprios dedos de garras, o futuro...**

Na tela ao fundo vemos projetados os números dos andares em ordem decrescente, do 9º até o 0.

*MUSICISTA canta:
(Atrizes e ator começam a estourar no próprio corpo os balões que anteriormente foram colocados como extensão de si, pouco a pouco. Esta ação dura o tempo da canção).*

**Num país negro e racista
No coração da América Latina
Na cidade do Recife
Terça-feira 2 de junho de dois mil e vinte
Vinte e nove graus Celsius
Céu claro
Sai pra trabalhar a empregada
Mesmo no meio da pandemia
E por isso ela leva pela mão
Miguel, cinco anos
Nome de anjo
Miguel Otávio
Primeiro e único**

**Trinta e cinco metros de voo
Do nono andar
Cinquenta e nove segundos antes de sua mãe voltar
O destino de Ícaro
O sangue de preto
As asas de ar
O destino de Ícaro
O sangue de preto
As asas de ar
No país negro e racista
No coração da América Latina**

Após, silêncio.

Luz no resto dos balões estourados, luz baixa nas artistas, uma espécie de memorial é feito com dois balões que são inflados para isso e presos numa haste metálica, um simboliza a mãe de Miguel, outro ele próprio.

Cena 8

Artistas começam a recolher todos os objetos do espaço.

Guardam tudo.

Menos os restos de bexigas estouradas.

Luz geral acesa, sem magia. Público iluminado.

Param, olham pros restos no chão e começam a dizer:

NARRADORA 2

A gente ensaiou algumas palavras para este final. A gente ensaiou alguns encontros para este encontro nosso. Este percurso que fizemos foi todo na intenção do encontrar mesmo. Encontrar essas pessoas, se ver nelas, refletir com elas e sobre elas. América Latina, gente muita, terra rica, gente colorida, gente sofrida, terra devastada, extorquida e assim, aqui, sob nossos pés, ao alcance dos nossos olhos e das nossas lutas. Gente muita, terra rica, gente colorida.

NARRADOR

Não era bem isso (se referindo aos restos no chão) que a gente queria ensaiar nesta cena final. Não era. Então a gente vai falar aqui para vocês um poema. A gente acredita, ainda, na força da poesia.

E por acreditar, por crer, a gente ensaiou que ia dizer assim:

Luz de cena, desenhada. Público no escuro.

NARRADORA 1

A mira do nosso olho pousou em nossas fronteiras, arribou dessas linhas e caíram assim todas as interdições. Um continente é imagem e semelhança da sua gente, não existe fronteira capaz de retardar uma troca de olhar. Olhos não possuem línguas nem idiomas variados, olhos possuem encanto quando se intenciona liberdade e mudança. Mundana é nossa intenção, o passado não é passo para nós quando re-aciona extrações de humanidades perdidas e moídas pelo centro da tormenta na qual nada existe. Já silenciámos muito em línguas diferentes.

NARRADOR

A nossa América Latina tem como vocação a convocação da efetivação dos sonhos que zumbem em nossas veias: não mais povo pobre e terra rica, extraída e levada. Não mais olhos cabisbaixos, não mais vistas apenas no Atlântico.

NARRADORA 1

Não mais.

NARRADORA 2

Nem um grão a menos, nem mais uma raiz exposta ou árvore tomada do pulmão do mundo, não levem nosso brilho de metal ou ocular.

NARRADORA 1

Não mais.

NARRADOR

É espiralada nossa ascendência, resistência e destino. Nossas memórias serão fabricadas por nós mesmos, ninguém mais nos dirá como governar nossos sentidos e destinos. Esse tipo de passado elege a morte como guia, o mundo quieto, o tempo quieto, o olho quieto e o olhar baixo como bandeira.

NARRADORA 2

Mira, veja, do mais alto das nossas intenções fronteiriças de céu é possível ver com nitidez o contorno das nossas imensidões. Andes, novos passos nos direcionam rumo às interrogações que nos perseguem desde sempre...

NARRADORA 1

Mirar.

NARRADOR

Mirar.

NARRADORA 1

Mirar até cansar de nos vermos. Que a língua seja tão efetiva quanto a comunicação do lume de cada olho nosso.

Volta luz geral, público iluminado.

Olham mais uma vez para as bexigas no chão.

NARRADORA 1

Uma vez, a gente ouviu de um outro poeta que o teatro não faz revolução.

Mas ensaia.

Então, mira, quando os olhos se levantam fundamos horizontes!!!!

Luz cai em resistência.

Black Out.

FIM!

América

Latina?